

SOBRE INTERMEDIÇÃO: O PAPEL DA TRADUÇÃO NA CONTÍSTICA MACHADIANA (uma perspectiva epistemológica)

Patrícia Lessa Flores da Cunha
Instituto de Letras – UFRGS

RESUMO:

O trabalho pretende discorrer sobre relações entre literatura comparada e tradução, vistas contemporaneamente como instrumentos de intermediação entre sistemas literários e comunidades discursivas. Fundamentando-se sobretudo nas pesquisas desenvolvidas pelos Estudos de Tradução atuais e objetivando resgatar o papel do tradutor como agente de criação literária e do processo de tradução como determinante das configurações do imaginário do texto literário no sistema receptor, serão apresentadas situações recorrentes na contística de Machado de Assis.

*Palavras-chave: conhecimento – significado – tradução
literatura comparada - intermediação*

Sabemos que a recepção do estrangeiro sempre se constituiu em orientação básica do campo de estudos da Literatura Comparada. Uma das formas por que ela se realiza é através das traduções. A indagação já convenientemente formulada de qual seja o papel desempenhado pelas traduções nas relações culturais entre dois ou mais sistemas literários, em períodos determinados, em níveis de desenvolvimento diferenciados, de certo continua a instigar e promover investigações produtoras.

Ao concebermos a tradução como ato intrinsecamente epistemológico- partindo das premissas de que o problema da tradução está no cerne do problema do conhecimento e de que “significar” significa a possibilidade de qualquer tipo de informação ser traduzida numa linguagem diferente (MORIN,1987:39; LÉVI-STRAUSS,1989:24)- simultaneamente ao fato de ser uma atividade intralingual, reiteramos a afirmação básica de que quando aprendemos a falar, já estamos exercitando nossa capacidade de traduzir. Isso porque o próprio instrumento que viabiliza a tradução, a linguagem, é ela mesma uma forma de traduzir.

Nesse sentido é que entendemos a colocação de Octávio Paz: *‘Nenhum texto pode ser completamente original, porque a própria linguagem, ela mesma, já é uma tradução: primeiro, do mundo não-verbal, e depois porque cada signo, cada frase é tradução de outro signo e de outra frase.’*

Ao diferenciar tradução em prosa de tradução poética ou literária, em que as palavras têm a multiplicidade dos sentidos, Octavio Paz coloca essa última par a par com qualquer outro texto originariamente literário, em que se reconhece a função da polissemia das palavras.

Dessa forma, cada tradução conota o original; o original denota suas traduções, a refletirem as múltiplas maneiras de se considerar e interpretar o mundo. Portanto, Paz remete o ato tradutório ao próprio mito de Babel: a tradução lida com a pluralidade das línguas e com a diversidade das sociedades. Sendo cada civilização um mundo, cada linguagem traduzida é uma visão de mundo.

Essa perspectiva leva-nos a afirmar que tradução também é transformação, recriação. O ato de recriar a linguagem a partir da interpretação idiossincrática acionada pelo processo de leitura constitui em si uma outra possibilidade da tradução.

Partindo-se da indagação sobre o que, afinal, se lê, quando se trata de obras estrangeiras em relação ao nosso sistema literário, concluímos que a tradução do que é estrangeiro/estranho para nós, em outras línguas, permite-nos explorar e formular emoções e conceitos que, de outra forma, não vivenciariamos nem experimentaríamos: o ato tradutório continuamente amplia as fronteiras lingüísticas e culturais das linguagens de cada um. A tradução passa a ser uma forma revitalizada e revitalizadora da linguagem e do significado em suas formas de expressão.

Tal questionamento, por outro lado, leva-nos à possibilidade de tradução como ato de formulação crítica.

Uma vez que traduzir envolve leitura (recepção), interpretação (decodificação) e produção (reescritura), realiza-se, portanto, enquanto crítica porque pressupõe reflexão, com subsequente rearranjo do reflexo da realidade. A cada escritura/tradução, o texto como tecido de signos é tramado de uma certa forma, transformando o significado em novo significante.

Ademais, lembrando que tradução, literalmente e não só literariamente, é metáfora (passagem), pois que incide para além do sujeito tradutor, corporifica-se também em imagem, significado e significante a traduzirem concomitantemente o momento histórico e as especificidades culturais das circunstâncias que a produziram.

Se, por um lado, a tradução é um texto datado, uma vez que nenhuma tradução, no processo de sua significação, conseguirá preservar intactos os significados originais do texto, necessariamente apreendidos dentro de um contexto, por outro, é um texto re/corrente, inserido no circuito abrangente da língua pela fala individualizada e individualizadora do tradutor.

O tradutor então apresenta-se como crítico poderoso no que lhe tange (re)desenhar outros contextos para mesmas realidades.

Entende-se, por isso, o carácter provisório da tradução, em sua capacidade não só de atualizar as virtualidades da língua, como afirmava Walter Benjamin, mas também o espírito e a modulação de uma época e de uma sociedade, paradoxalmente garantindo a permanência do original. Ainda a esse respeito, convém lembrar a posição de Paul de Man, para quem a tradução literária, enquanto atividade intelectual, assemelha-se muito mais à crítica literária do que à criação literária propriamente dita. Pois que não deixa de ser um texto sobre outro texto, propiciando a intertextualidade crítica na forma de reler e de interpretar um texto, de reescrevê-lo nas suas potencialidades.

Como decorrência das colocações já feitas, pode-se também, nessa breve exposição, redimensionar duas questões que sempre restam nas discussões sobre o tema: as relações entre o

texto original e o texto traduzido, em que ainda ecoam os influxos da oposição *traduttore X tradittore*; e as dúvidas entre fidelidade e criação, na esteira do conhecido mote *les belles infidèles*. Os enfoques contemporâneos que norteiam os estudos comparatistas, em que as traduções de outra forma retomam seu papel de destaque, auxiliam-nos nessa tarefa, especialmente a partir das reflexões que admitem “do ponto-de-vista da literatura-alvo, toda tradução implicar graus de manipulação do texto-fonte para determinados propósitos.” (HERMANS,1985:9).

Os aportes teóricos mais recentes advindos das teorias desconstrutivistas e da recepção, da leitura e da produtividade do texto, bem como as relevantes contribuições da pesquisa lingüística, nas suas variantes discursivas e semióticas, atualizam questionamentos e permitem a inserção de questões da tradução nas vertentes de investigação da intertextualidade e da interdisciplinaridade.

No tocante à primeira questão, o espírito da desconstrução certamente tem relativizado essa oposição, tornando-a muito mais um jogo de possibilidades. Nessa perspectiva, o tradutor apresenta-se valorizado no seu papel de intermediador de culturas, atuando como construtor de significados, em que deixa de ser apenas leitor/receptor para se conscientizar de sua capacidade de interferência autoral nos textos que lê/traduz.

Em seu texto “Carta a um amigo japonês”, por exemplo, Derrida, com sua forma perspicaz de argumentação, explicita essa questão, quando indaga sobre o melhor termo para traduzir “desconstrução” e desdobra-o nas suas variantes.

O texto traduzido, nesse enfoque, passa a ter o mesmo *status* do texto-fonte, porque é através dessa passagem de significado que se mantém a expressão mesma (ou a língua pura, no dizer de Benjamin).

Quanto à segunda questão, lembremos a propósito a reflexão crítica de Haroldo de Campos.

Ao também aceitar que o tradutor seja um leitor/autor, “no extremo um traidor ou usurpador”, Campos propõe substancialmente repensar a tradução enquanto fantasia, como ficção. Assim o fictício da tradução seria um fictício de segundo grau, que reprocessa o fictício do poético. Ao poeta/crítico contrapõe-se o tradutor-crítico, ou tradutor-poeta.

A tradução criativa ou criadora, enquanto atividade conceitual advogada por Haroldo de Campos, em desleitura assumida dos pressupostos de W. Iser, é ato de leitura e atitude crítica sistematizados pela transfiguração, ao buscar a reimaginação do imaginário do poema de partida no poema de chegada.

Por conseguinte, entende-se: se o poeta é um fingidor, para Campos, que assim lê, interpreta, reescreve e (por que não?) traduz Pessoa, o tradutor é um transfingidor. Das suas possibilidades de transcrição artística, na sua maneira de lidar com as perdas e danos intrínsecos ao ato tradutório, é que se viabiliza a permanência do texto literário, em sua condição de traduzibilidade.

A partir dessas idéias é que se pretende examinar, em continuada atividade de pesquisa da qual essa apresentação assinala o começo, o papel da tradução na obra de Machado de Assis, especialmente no segmento da contística.

A capacidade de recriação de Machado de Assis desenvolvida em atividade tradutória acha-se definitivamente exposta na tradução que fez do poema “O Corvo”, escrito por Edgar A. Poe, incluída no livro *Ocidentais* (1901) de suas *Poesias Completas*, coletânea resultante de apurado trabalho de seleção levado a cabo pelo próprio Machado.

Nesse poema, sobejamente analisado, o que se evidencia é uma assumida transgressão e definitiva transformação em relação ao texto-fonte. Machado de Assis já não faz uma tradução de

Poe, no sentido “ortodoxo” do termo, de resguardar uma eventual fidelidade do inglês para o português, preservando as características intrínsecas do poema, em termos de ritmo, métrica e rima, como mais tarde o faria em trabalho reconhecido Fernando Pessoa.

Através de alterações que se fazem sistemáticas do sentido das palavras e dos padrões sonoros que compunham originalmente o poema “The Raven”, Machado faz uma recriação do primeiro texto, possibilitando leituras e interpretações mais ao gosto do leitor de hoje, “tropicalizando”, como é sabido, o corvo de Poe.

Em nossa hipótese, essa idéia de apropriação e sutil deformação entendida como elemento intrínseco e sistemático, fundamental na produção literária extremamente intertextual de Machado de Assis, apresenta-se como forma de traduzir que reflete uma concepção epistemológica da própria atividade. Recorrentes e reconhecidas metáforas machadianas, que pontuam a construção de seu texto crítico- ficcional, podem elucidar a dimensão dessa concepção, como é o caso das figuras digestivas.

Na contística de Machado de Assis, a tradução aparece, não em sua modalidade *strictu sensu*, como aliás também não era o caso das traduções de poesia, mas ao “traduzir” idéias, temas, personagens e formas de composição, apropriando-se do material estrangeiro para a recriação e a redistribuição em matéria singular de seu projeto literário, Machado traduz efetivamente em sua dicção própria o universo da literatura ocidental contemporâneo ao leitor brasileiro que então se formava.

Consubstancia-se, portanto, todo um processo de tradução- reescritura, na acepção do termo contemporaneamente redesenhado por André Levefere, que busca assim revelar o papel do tradutor como efetivo agente da criação literária, evitando as limitações histórico-políticas que venham a reduzir a projeção cultural da atividade tradutória.

É assim que podemos ler, sobretudo, as traduções de Shakespeare que mais explícitas se evidenciam nos seus textos- por exemplo, em “A Cartomante” (*Várias Histórias*, 1896), onde a citação de *Hamlet*, convenientemente modificada, de início alerta para a estória de sucessivas traições e morte que se avizinha. Ou ainda em “Curta História” (*Outros Contos*, 1886), em que a tragédia dos apaixonados Romeu e Julieta se redesenha no envolvimento canhestro, quase cômico, entre Cecília e Juvêncio.

Tal perspectiva intertextual inerente à tradução permite-nos também aproximar os textos de Woodsworth e Machado de Assis na reavaliação do conto “Umas Férias” (*Relíquias da Casa Velha*, 1906). Nele, Machado traduz, à sua maneira, o drama do colegial “*esperando ser levado para a casa em férias que se transformaram em funeral.*”

O sentido da ambivalência juvenil diante da inexorabilidade da morte e da permanência da vida angustiadamente expressa no poema “The Prelude” se transporta e se modifica na alternância da alegria e da tristeza do estudante que se vê solertemente surpreendido com a notícia da morte do pai – “*não se tratava de um dia santo, com a sua folga e recreio, não era festa, não eram as horas breves ou longas para a gente desfiar em casa, arredada dos castigos da escola... Se me houvessem dito à saída da escola por que é que me iam lá buscar, é claro que a alegria não houvera penetrado o coração, donde era agora expelida a punhaladas.*”

Essas sucessivas mudanças de tom, que resultam em textos diferenciados, introduzidas pelo ato de traduzir visto como atividade radicalmente epistemológica, de (re)conhecimento e (re)significação apreendidos, garantem a identidade de cada texto literário, redimensionando, sob outro viés, as relações entre texto- fonte e texto- alvo, questionando, de forma irredutível, as noções de fidelidade e originalidade.

Ao mesmo tempo, instauram premissas e condições de análise que permitem cada vez mais ao estudioso comparatista perscrutar a visibilidade cultural do tradutor e a sua efetiva contribuição para a constituição do sistema literário a que permanentemente se agrega.

Referências Bibliográficas:

- ARROJO, R. Tradução. In: JOBIM, J.L. (org.). *Palavras da crítica*. Rio de Janeiro: Imago, 1992.
- ASSIS, M. de. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Aguilar, 1997.
- BARBOSA, E.S. Conhecimento e significado como tradução. *Cadernos de tradução*, Porto Alegre, Instituto de Letras/UFRGS, n.11, jul.-set. 2000. p.7-18.
- BASSNETT, S. & LEFEVERE, A. *Constructing cultures. Essays on literary translation*. Clevedon: Cromwell Press, 1998.
- CAMPOS, H. de. Tradução e reconfiguração do imaginário: o tradutor como transfiguidor. In: COULTHARD, M. (org.). *Tradução: teoria e prática*. Florianópolis: Editora da UFSC, 1991.
- DE MAN, P. Conclusions: Walter Benjamin's "The task of the translator". IN: _____. *The resistance to theory*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1993. p. 73-105.
- FLORES DA CUNHA, P. L. *Machado de Assis: um escritor na capital dos trópicos*. Porto Alegre: UNISINOS/ IEL, 1998.
- OTTONI, P. (org.). *Tradução: a prática da diferença*. Campinas: Editora da UNICAMP, FAPESP, 1998.
- RODRIGUES, C. C. *Tradução e diferença*. São Paulo: Editora UNESP, 2000.
- SNELL-HORNBY, M. *Translation studies. An integrated approach*. Amsterdã : John Benjamins Publishing Co., 1995.

WIESKEL, T. *O sublime romântico. Estudos sobre a estrutura e psicologia da transcendência.*

Rio de Janeiro : Imago, 1994.